

## PATRONO

CLÓVIS BEVILÁQUA. Nasceu em Viçosa, hoje Viçosa do Ceará, em 4 de outubro de 1859. Filho de José Beviláqua e Martiniana Aires. Estudou as letras primárias com o pai na terra natal, com o prof. Arruda em Sobral e, por fim, voltando àquela, com o mestre-escola Marcelino. Em Fortaleza frequentou o Ateneu Cearense e no Liceu do Ceará conquistou os primeiros certificados de preparatórios. Durante o curso do Ateneu pôde tomar parte no agitado movimento filosófico-literário da chamada Academia Francesa do Ceará, que tanto brilho e estimulação trouxe à evolução cultural cearense. Taine e Gall foram então as suas leituras prediletas. No Rio de Janeiro terminou as humanidades (1877) e dedicou-se mais ainda à Filosofia e à Literatura, conseguindo, assim, formar sólida cultura geral. As suas produções acham-se impregnadas dessas cores filosóficas, que lhes emprestam vigor admirável. Do Rio mudou-se para o Recife, onde se ligou, de alma, ao grupo de inteligências jovens que revolucionavam o comodismo intelectual com fecundas renovações do pensamento, no campo político-literário, através de revistas, jornais, discursos e conferências. Diplomado em Direito em 1882. Vencendo famoso concurso, foi nomeado (1889) lente de Filosofia do Curso Anexo da Faculdade recifense. Mais tarde, em 1891, passou a reger a cátedra de Legislação Comparada, o que muito concorreu para universalizar os seus conhecimentos da Ciência Jurídica. A sua preparação de filósofo e de jurista já era reputada, quando o chamaram para organizar o Anteprojeto do Código Civil Brasileiro, trabalho de gigante que, por si só, o imortalizaria. Fixando residência na Capital da República, foi distinguido, em 1906, com a nomeação de Consultor Técnico do Ministério das Relações Exteriores. Notabilizando-se cada vez mais, tornou-se o Jurisconsulto e Mestre do Direito de fama internacional. A sua obra, majestosa e granítica, abrange todos os domínios do Direito Público e do Direito Privado. Desnecessário será enumerá-la aqui. Pessoalmente, era um grande espírito cheio de

tolerância, compreensão e bondade, que lhe valeram o epíteto de sábio e santo das mais belas virtudes humanas. Pertenceu à Academia Brasileira de Letras, de que foi sócio fundador e da qual se afastou nos últimos anos de sua vida. Faleceu, no Rio, em 26 de julho de 1944.

## 1º OCUPANTE

MÁRIO Rômulo LINHARES. Filho de Vicente Alves Linhares e Maria Amália Vieira Linhares. Em Fortaleza, onde nasceu (19 de agosto de 1889), fez os estudos básicos: os primários, na Escola Cristã, do Mons. Liberato da Costa, e o de humanidades no Paternon Cearense, do prof. Lino Encarnação. Dificuldades de ordem financeira obrigaram-no, entretanto, a empregar-se no comércio, mas nem por isso deixava de ler, freqüentando, à noite, as aulas da Fênix Caixeiral e as de cursos particulares. Mediante concurso, foi nomeado, em 1907, escriturário da Fazenda Federal, e nesta se encarreirou até as mais altas funções, como as de Delegado Fiscal no Ceará e em Goiás e as de Inspetor da Alfândega no Rio Grande do Norte. Logo muito cedo rendeu culto às Musas, publicando os seus versos, timidamente escondido em pseudônimo, dos muitos que usou na sua trajetória literária, entre outros: Dolores Beviláqua, Carmen Floresta, Flávio de Lisle, Ponciano Ribas, Jacques Amiot, Laura Viterbo, Gil Vaz. Crítico, historiador, genealogista, porém sobretudo poeta. Com as suas poesias — muito bem afirmou Antônio Sales — “a nossa poesia começou, nestes últimos anos, a subir de nível”. A sua obra alia à fecundez admirável equilíbrio de imaginação, proporcionalidade na forma e toda a precisão técnica. Além de forte emotividade, distingue-a enternecido amor da terra natal. Mário Linhares foi um fundador de revistas. Com a sua coadjuvação direta, nasceram *Fortaleza* (1906-1908) e *A Jangada* (1909-1912), na capital cearense, *Heliópolis*, no Recife (1912-1915), e *Renascença*, em Salvador (1918). Já a esse tempo, na capital baiana, conquistava (1916), o primeiro prêmio num concurso de sonetos organizado pelo diário *A Tarde*. Faleceu no dia 15 de dezembro de 1965. Por